

A palavra do Presidente

JORNAL DE BRASÍLIA

EDGAR LISBOA

FHC
25 AGO 1995

No dia seguinte à entrevista que o presidente Fernando Henrique Cardoso concedeu à imprensa para falar das reformas políticas a serem desencadeadas no segundo semestre — mas que acabou se transformando basicamente numa extensa sabatina sobre a quebra do Banco Econômico —, os jornais ressaltaram a habilidade do Presidente da República, seja para responder perguntas incômodas, seja para evitá-las.

O pior momento da entrevista, na avaliação dos jornalistas, ocorreu quando o Presidente se mostrou insensível ao drama de alguns milhares de correntistas do banco falido ao dizer que nunca havia entrado numa só agência do Econômico. E completou: “Por sorte, não tenho um só tostão lá”.

Entre os muitos lances de habilidade e a gafe, o que se viu foi um presidente que respondeu a todas as perguntas com uma fluência verbal que nos impressiona porque muitos dos seus antecessores raramente falavam e ainda mais raramente aceitavam receber os jornalistas credenciados no Palácio do Planalto para uma revisão geral de temas polêmicos.

Como se sabe, a entrevista foi uma tentativa do Governo para pôr fim à estrondosa guerra de manchetes de jornais protagonizada pelo Presidente da República e pelo senador ACM, ao longo de uma se-

mana. Antes do início da entrevista, o presidente Fernando Henrique Cardoso fez uma exposição detalhada dos fatos, uma verdadeira exposição de professor, recheada com números e fatos. Com isso, acabou respondendo antecipadamente à maioria das perguntas.

Conversando com o Presidente da República, ao final da entrevista, notamos que ele estava muito satisfeito com seu próprio desempenho, e inclinado a realizar outras coletivas, quando necessário. Ponto de vista semelhante foi apresentado pela jornalista Ana Tavares, assessora de imprensa do Palácio do Planalto.

Se houve um vencedor final, na batalha do Banco Econômico, esse foi o contribuinte porque, pelo que se sabe, não mais será jogado dinheiro público na fornalha do Econômico. O detalhe que nos interessa é que essa vitória foi determinada, acima de tudo, pelo empenho com que a imprensa abordou todos os ângulos da questão.

Se existe algo de risível nesse episódio, é que, de repente, se descobriu que bastava uma simples providência para evitar o fantástico rombo de R\$ 3 bilhões. Faltava o que já é banal em outros países: um seguro que garanta até certo limite os recursos dos correntistas e investidores. Não seguramos automóveis e casas? Por que não garantir nossos recursos ou obrigar os bancos a

garanti-los? É algo extremamente simples, como o ovo de Colombo.

Olhando o caso Econômico ainda pelo ângulo do jornalismo, o que se pode perguntar é: Será que nunca, seja em artigos assinados, seja em matérias, os jornais brasileiros cobraram a exigência de tal seguro? Será que algum veículo algum dia antecipou essa possibilidade?

Um dos motes principais do jornalismo moderno, como se sabe, é a antecipação. O jornalismo gráfico tem, entre suas várias obrigações, que tentar antever o que pode ocorrer em certas áreas. A disputa acirrada com as tevês, força-nos a esses exercícios de futurologia.

A entrevista do presidente Fernando Henrique Cardoso confirma que, finalmente, estamos vivenciando um tempo em que a mídia tem sua importância reconhecida. Uma coletiva como a do dia 21 mostra o amadurecimento das relações entre o poder e o jornalismo no Brasil. Já o caso Econômico deixou claro que a imprensa pode reverter ações que acarretem prejuízos para o País. Ficamos, por fim, com a obrigação de cobrar, seja do Congresso, seja do Executivo, a elaboração imediata de uma lei que force os bancos a fazer seguro. Temos que continuar exigindo o seguro, mesmo depois que o assunto “Econômico” deixe as manchetes.

■ Edgar Lisboa, jornalista, é diretor-executivo da ANJ